

O ABRANTES

FOLHA SEMANAL

Director, Proprietario e Editor
AURELIO NETTORedacção, Administração, Composição e Impressão na Typographia Morgado
Praça Raymundo Soares—AbrantesAdministrador
JOÃO MORGADO

Mais um anniversario d' "O Abrantes,"

Com o presente numero entra hoje este jornal no decimo nono anno da sua publicação.

Em tão já longo percurso na vida da imprensa periodica do paiz, seja-nos licito, no dia de hoje, que para nós é de festa intima, recordar aqui, em rapidas e mal ataviadas linhas, a acção desenvolvida por este jornal, quer como agente de propaganda dos ideaes republicanos, que foram sempre o seu credo politico, quer como defensor, embora dos mais modestos, do progresso da terra cujo nome escolheu para titulo.

Atravez das maiores dificuldades, que a dedicação dos seus redactores conjugada com a de alguns sinceros amigos conseguiram dominar quasisempre, *O Abrantes*, no combate travado contra a monarchia, n'uma lucta ininterrupta de annos, pôde orgulhar-se, com o maior desvanecimento, do haver contribuido tambem com a quota parte do seu trabalho, que nunca visou a beneficios materiais de qualquer ordem, para a formação do meio ambiente que mais tarde deveria receber, como effectivamente recebeu, sem a menor sombra de protesto, antes com enthusiasmo e acendrado patriotismo, o advento das instituições republicanas.

N'essa lucta, por vezes ardua e fatigante, combatida malevolamente por creaturas sem convicções de especie alguma, que então se diziam lacaios da monarchia, aos republicanos dirigindo sempre os maiores insultos e as maximas infamias, para assim lhe conquistarem as boas graças, deixamos n'uma grande parcella da nossa actividade que outra compensação não teve senão a de vermos que o nosso trabalho não foi baldado e que o bom povo abrantino, sempre correcto e ordeiro, amando as gloriosas tradições da

sua terra e as da sua Patria, continúa sendo aquelle mesmo povo que tem o seu nome indelevelmente ligado a algumas conquistas da liberdade e a sementeira, generosa e fecunda, das ideias democraticas, que hão de dar a Portugal novos dias de gloria e de prosperidade.

Isso nos anima a proseguir na nossa vida jornalística, dando á Republica e ao Partido Republicano Portuguez, onde sempre militámos, toda a cooperação que reputarmos necessaria á obra de resurgimento nacional que n'este momento agita e domina todas as forças vivas do paiz.

Aos melhoramentos moraes e materiaes do concelho de Abrantes, que sempre nos mereceram particular attenção, como tantos factos o attestam, continuaremos dando toda aquella defesa e apoio que as circunstancias aconselharem, nunca regateando applausos ou louvores a todos quantos por elles dedicadamente se interessam, procurando assim movimentar a nossa terra e abrir-lhe novos horizontes de actividade e de progresso. Foi essa sempre a nossa orientação. A dentro d'ella nos manteremos no futuro, certos de que procedendo assim cumprimos apenas um dever.

A todos que por qualquer forma nos deem ajudado n'esta faina, mais prehen de desejos do que de alegrias, no dia de hoje, em que *O Abrantes* regista mais um anniversario, o nosso agradecimento muito sincero.

Arquiva-se

D'um colega da capital, no seu extracto da sessão parlamentar da ultima segunda feira:

O sr. Jacintho Nunes protesta contra o que consta do *Sumario* acerca da publicação da representação dos catholicos no *Diario do Governo*; a camara aprova e o *Sumario* diz que registou.

O sr. presidente: A camara regoi-

lou.
O sr. Jacintho Nunes:—Não ha dúvida nenhuma?
O sr. presidente:—Não, senhor!
O sr. Jacintho Nunes:—N'esse caso está bem; mas estava convencido do contrario!

Vozes:—Pois enganou-se redondamente!

Vale a pena registar este incidente, que nem por ser minimo e suculento deixa de ser significativo e interessante.

Como o leitor vê, a Camara, de que faz parte o sr. Jacintho Nunes á ruão de tres escudos e pico por dia, regeitou a publicação da representação dos catholicos no *Diario do Governo*, de tal facto dando conta o respectivo *Sumario*.

Mais papista do que o papa—pois que na camara ha padres a quem o assunto logicamente competeria—o sr. Jacintho Nunes, republicano de velhos tempos, arvora-se em paladino da causa clerical, para no fim de contas...

—Para no fim de contas liquidar n'aquella linda figura!

Mul empregados tres escudos e pico!

A «Festa da Arvore» e os reaccionarios

A proposito da «Festa da Arvore» que, por esta epoca, se costuma realizar em todo o paiz, a gente assiste ao desenrolar dos mais estranhos factos, das mais extraordinarias peripecias. Conventacionaram os reaccionarios de todos os matizes, capitaneados por alguns padres, que a «Festa da Arvore» fosse considerada uma festa anti-religiosa, promovida pelas *alfarjeiras* do demagogismo radical e pela maçonaria, que, no dizer d'eles, é uma associação de malfeteiros!

E fazem espalhar aos quatro ventos, por todas as aldeias do paiz, por todos os logarejos, por todos os lares, que a «Festa da Arvore» é uma festa de maçons.

E espalham estas e outras atoardas, semeando o odio contra a festa e os seus promotores, procurando, n'um ultimo arranco, entrar a obra de educação em que andam empenhados todos os bons portugueses, todos os bons patriotas! Mentem, os ignobis exploradores da ignorancia do povo!

Montem, conscientemente, cinicamente, esses tartufos que, fingindo defender a religião catholica, procuram a todo o custo defender os seus redutos, os seus inconfessaveis interesses!

Pois, em que é que a «Festa da Arvore» pode ofender as crencas de quem quer que seja? Aconselhar o amor á arvore, á natureza, ao sol, á vida, será fomentar o odio á religião? Promover a educação do povo, as suas tendencias destrutivas, desenvolvendo o sentimento contrario, será atentar contra os sentimentos religiosos dos outros? Não.

Eles bem o sabem, esses *apostolos* que se dizem defensores de uma religião toda de paz e amor, mas que, na verdade, fazem somente a propaganda do odio da cizania, da perturbação social.

Toda a gente sabe que Portugal, sendo um paiz agricola, precisa de ter muitas arvores para occorrer ás suas necessidades internas.

Ha muitos annos que as matas do nosso paiz têm soffrido uma formidavel derrota. Essa imensa riqueza, constituida pelas nossas belas matas, têm sido drenada, a pouco e pouco, para o estrangeiro, e os nossos montes, completamente despojavados, são uma desolação para a vista e um perigo para a agricultura, que é, ou deve ser, a nossa principal fonte de riqueza. A ganancia dos donos de extensas matas tem-se juntado o vandalismo das populações, todo arrancando, tudo cortando e devastando ferozmente, com uma imprevidencia verdadeiramente assustadora. Por esse paiz fóra a falta de madeiras e de combustível assume um aspecto gravissimo.

Mas, se considerarmos a situação sob outros aspectos, ella apresenta-se-nos por uma forma bem mais grave e bem mais perigosa para o futuro de Portugal. Como remediar este mal? Evidentemente, pela congregação dos esforços de todos os bons patriotas, fazendo uma activa propaganda a favor da arvore, educando a população portugueza nesse sentido. E' essa patriotica empreza que o «Seculo Agricola» se propoz realizar, e por isso que se constituiu em Lisboa a «Sociedade Protectora da Arvore» da iniciativa do Dr. José de Castro, e para isso que desinteressadamente tem trabalhado e trabalham todos quantos se prezam de ser portuguezes, todos quantos se preocupam com o futuro da Patria. Pois é quando o movimento em favor do culto da arvore se torna uma realidade, toma vulto e se intensifica, que os pseudo-defensores

da religião, os podengos do reaccionarismo nos saltam á estrada de guela hiante, dentuça ameaçadora, tentando morder-nos, tentando aniquilar a nossa obra, dizendo em alta grita que a «Festa da Arvore» é uma festa de maçons! Pois se a «Festa da Arvore» é uma innocente festa de crianças, uma festa educativa, como é que os padres tanto se incomodam com ella?! Pois se a «Festa da Arvore», com os seus oradores de graça, com todos os elementos que desinteressadamente lhe dão realce, não constitue sequer uma ameaça aos seus interesses materiais, como é que os illustres masones tanto se preocupam com ella?!

E' que está festa, honesta e patriótica nos seus intentos, lhes ajuda a cavar a ruína, lhes torna a situação cada vez mais instavel, não porque ella seja desvirtuada, como elles cinicamente apregoam, mas porque, independentemente da vontade dos homens, os acontecimentos lhes vão provando que a epoca do seu predomínio passou definitivamente á historia.

Jayme Pinto.

Como se escreve a historia!

Em artigo de fundo, na *Republica*, de 5.ª feira, conclue o sr. Alfredo Pimenta:

As consequências tragicas da questão Calvo-Caillaux devem levar á imprensa jacobina portugueza, tão habituada a campanhas politicas baseadas na vida particular dos homens, um pouco de cuidado e de reflexão, tanto mais que vejo no sino grande do jacobinismo pizar-se a brasa á sua sardinha, como se o sr. Afonso Costa tivesse algum dia sido alvo de campanhas d'essa natureza por parte de algum republicano. Não nos enganemos, estamos certos de que não ha quem possa apontar-nos qualquer exemplo.

Tambem nós não conhecemos, é certo, qualquer campanha propriamente jornalística de que haja sido alvo o sr. dr. Afonso Costa. Mas conhecemos, por bem recente e não terminada, ainda, por signal, essa campanha indecentissima contra elle dirigida no Senado pelo evolucionista João de Freitas, a proposito de *coisas varias*, certo sendo que não foi a *Republica* o jornal que menos se prestou a dar excepcional relevo e vergonhoso escandalo ás diatribes do famoso senador.

Factos são factos, e contra elles não valem quaes-

quer razões aduzidas á sobreposse. Diga o que quiser, escreva o que entender o sr. Alfredo Pimenta, que as suas palavras não conseguem destruir esta verdade, sobejamente conhecida e condemnada pelos verdadeiros republicanos: *contra o ex-presidente do ministério transactos fez-se uma campanha indigna, que teve muito de «jornalística», porque n'ella se empenhou com desusado afino o jornal «Republica».*

De resto, é geralmente sabido como se escreve a historia dos homens e das coisas, sr. Alfredo Pimenta!

Palavras... leva-as o vento!

Echos & Noticias

A fusão

Não nos enganemos nos nossos valentinhos, claramente expressos num artigo que *O Abrantes* publicou ha pouco tempo sobre o assumpto, acerca da decantada fusão entre evolucionistas e unionistas.

Apezar de todas as tentativas feitas para a effectivar, certo é, n'este momento, ter-se ella gozado. E assim, os politicos em presença, segundo a phrase pitoresca de um conhecido jornalista, não ficaram fundidos, mas coisa parecida, ou seja o peor que lhes podia succeder.

Mais uma vez se provou que o destino póde muito—mais e muito mais que a vontade dos homens!

Inconfundível!

Assim se classifica, a si proprio, em carta que recentemente fez inserir nos jornaes, o sr. dr. Santos Farinha, rotundesco prior da freguezia de Santa Izabel, na terra do Ulysses bregeiro.

Tem sua ex.^a reverendissima carrada de razão. Com aquelle palminho de cara que Deus lhe deu, aquella barriga muito grande poisada inetheticamente sobre umas pernas curvadas em arcos de pipa, a gaforina ao vento, sempre mal cuidada e em desalinho, capaz de abrigar sem incommodo de maior cinco a seis milhões de parasitas viajantes, o reverendo é, na verdade, e como muito bem o diz em letra redonda, uma creatura inconfundível.

Tem o merito de se conhecer, o que constitue, n'estes tempos de evidente cobardia moral e de requintada hyprocrisia, uma grande e sublime virtude.

Póde marcar duas á preta, sr. prior!

Sallés

Este conhecido aviador francez, que parece ter ficado a valer o pé em Portugal, anda, como já aqui se disse, em excursão artistica por terras da Beira Baixa.

Hoje elevar-se-ha na Gavião, no seu aeroplano, e se conseguir atingir a altitude da Torre, que é na Serra da Estrella o ponto mais alto do paiz, terá feito um vôo de dois

mil metros.

E provavel é que assim speceda, pois Sallés, apezar de não ter filiação partidaria, goza da fama, por todos os titulos merecida, de aeroplumista consummado.

Sem offensa a certos politicos—note-se bem!

Vantagens politicas

Entre outras que a malograda fusão acarretaria, se chegasse a realizar-se, havia a de se garantir a Republica contra a demagogia organizada, substituindo-se a ella na governação do Estado, e constangendo-a, quando lograsse o poder, a exercel-o sem desatinadas violencias.

Estas palavras são da auctoria do sr. dr. Brito Camacho, illustrado director da *Lucta*.

Ha n'essas palavras uma passagem que convem esclarecer. Não sabemos se a demagogia organizada, a que se allude, é aquella mesma demagogia a que o partido unionista deu ainda ha pouco no parlamento o mais decedido e correcto apoio.

Será, não será?...!

Conquistando o céu

Sabido que o ideal supremo do nosso amigo reverendo Raposo se limita a conquistar um lugar de primeira classe na mansão dos justos, em communhão directa com o homem das barbas brancas, o senhor S. Pedro, não é para extranhar que o trabalhinho por elle desenvolvido no protesto dos catholicos contra a lei da separação excedesse, na magnificencia dos seus resultados, os melhores calculos dos partidarios da Santa Sé Apostolica.

Bem andou o reverendo procedendo assim. Lá diz o outro: *Não se apanham trutas com as bragas enfiadas.*

Quem quer festa, sua-lhe a testa!

Governador civil

Tem-se indigitado para governador civil do nosso districto, o sr. dr. Fernando de Almeida, considerado medico na Gollegia.

Salvo qualquer modificação em contrario, é provavel que á hora a que circular este jornal esteja feita já a sua nomeação na *Diário do Governo*.

Devaneios monarchicos

Um joven advogado, que se chama José de Arruela, n'uma conferencia realizada ha dias, á guisa de reclame a um jornal hostil ao regimen de que vae ser director, teve esta interessante passagem:

«A Republica entrou na sua agonia; ninguém tenha illusão! Não se tenham os republicanos sérios! A Republica está morta!»

Simple devaneios monarchicos, fielmente interpretados em publico pelo sr. Arruela, um dos maiores symphonistas da causa dos Braganças.

Um modo de vida como qualquer outro!

Madame Calilaux

O seu gesto, assassinando Calmette, o director da importante folha parisiense que não soube ser honesto nem decente nos seus processos de ataque, tem merecido, salvo uma ou

outra honrosa excepção, os mais azedos commentarios, não só em França, mas também n'outros paizes.

Assim o exigem as mentiras convencionaes de uma sociedade que não querendo ou não sabendo reprimir certos males, que a envergonham, tem comtudo a coragem de exprobar, sentenciosamente, as consequencias, a maior parte das vezes funestas, que elles originam.

E' assim o mundo!

A questão de Ambaca

As palavras aqui escriptas, sem a menor sombra de pretensão dogmatica, em o ultimo numero d'*O Abrantes*, sobre a questão de Ambaca á roda da qual o evolucionismo tem procurado fazer um aranzel dos demonios, encontram-se plenamente justificadas no relatorio lido ultimamente ao parlamento pelo engenheiro sr. Lisboa de Lima, actual titular da pasta das colonias.

Quem se dê ao trabalho de ler cuidadosamente esse relatorio, verá que as nossas palavras, pondo as coisas no seu verdadeiro pé, traduziam apenas a verdade nua e crua dos factos.

Tudo quanto em contrario continue a afirmar-se, por mero e simples espirito de politica supinamente rasteira, são cantigas do arroz pardo que o vento para longe leva!

Olaria, sr.^a comadre. Tal e qual como se lhe cantat!

Padres

Muito se abespilha, franzindo o olhar, o orgão evolucionista local por o padre Catharino—o tal que no comicio de Mação se mostrou incorrecto para com o sr. Bernardino Machado—proclamar aos quatro ventos ser devoto, e dos maiores, do dr. Afonso Costa.

Não vemos motivo justificado para tão impertinente zanga.

No evolucionismo marcam passo, a dois do fundo, com graduação bastante elevada, os padres Chamico e Serrano, que ainda não ha muito tempo, em 1910 se a memoria não nos atraiçoa, eram propagandistas e defensores acérrimos da celebre gazeta que chamava a certos republicanos em evidencia *Pulhas de Bem* e outras... coisas más!

Entretanto, elles são politicos de bem, e o padre Catharino é que é um *desvergonhado* da peor marca?!

Assim se escreve a historia!

Livro de memorias

Corre agora mundo um livro de memorias da sr.^a D. Amelia, ex-rainha de Portugal.

Ao que parece, tem feito successo.

Nem outra coisa era d'esperar.

Aos bellos dias da primavera, que já nos honraram com a sua belleza e com uma temperatura agradável, outros se succederam de inverno rigoroso, acompanhados de temporal desfeito.

Isso, porem, não durará muito.

Depois da borrasca vem sempre a bonança!

DE LISBOA

Outra vez, como no anno passado, os monarchicos promoveram a realisação, no theatro do Gimnasio, d'um espectáculo em beneficio dos presos politicos, ou seja, no caso d'agora, a favor dos conspiradores amnistiados que se encontram em precarias circumstancias, e outra vez também, como no anno passado, essa recita den origem a um conflicto de certa gravidade, tendo havido tiros e bengaladas. Por tal motivo se acham presos, além d'alguns individuos de casta azul e branca, os conhecidos defensores da Republica, srs. João Borges e Luiz Martins, que parece não terem qualquer culpabilidade no acontecimento.

Como germinou o conflicto, que se deu na rua, á sabida do espectáculo? E' claro que elle não foi, como não podia ser, um producto de geração espontanea, existindo necessariamente uma ou mais circumstancias de casualidade a determinar-lhe a eclosão. Não tendo eu sido testemunha da occorrença, está de ver que não posso depor em materia de facto, e cinto-me, portanto, ás versões, aliás divergentes, que recolhi da leitura dos jornaes que o relataram. O *Noticias*, por exemplo, diz que alguns dos espectadores do Gimnasio, ao sahirem, romperam em vivas á monarchia, o que, a ser assim, provocaria naturalmente, por banda dos republicanos que fossem passando, a immediata resposta, por vivas á Republica ou quaesquer manifestações de protesto, ao insolito procedimento dos monarchicos.

Outros jornaes dizem que alguns populares, que pacificamente subiam a rua Nova da Trindade á sabida do espectáculo, ergueram vivas á Republica no uso do seu plenissimo direito, respondendo desde logo os monarchicos com gritos raivosos de *abaixo a malandragem!* *Morra a canalha!*

Como quer que seja, a responsabilidade, maior ou menor, dos acontecimentos cabe sempre aos individuos de casta azul e branca que acabavam de assistir ao espectáculo e que imprudentemente provocaram, como se vê, o espirito republicano dos transeuntes da rua Nova da Trindade. Sejamos imparciais.

Estavam os monarchicos no direito, sem duvida, de

realisar essa ou outra recita do beneficio aos seus correligionarios necessitados de protecção e auxilio. Nenhum republicano, em boa justiça, ousará contestar-lhes tal direito, sendo ademais o exercicio de quaesquer iniciativas de philantropia, ou caridade,—como quizerem,—uma coisa absolutamente respeitavel a dentro dos altos principios da fraternidade humana. Mas não é menos certo que aos monarchicos se impunha n'esse acto uma linha de conducta que de forma alguma pudesse suscitar o embate de paixões politicas ou sequer uma desconfiança minima de propositos de hostilidade ao regimen ou ás convicções de cada qual, e na inobservancia de tal preceito é que está o motivo que torna condemnavel o acto por elles praticado.

A' volta d'este caso fez-se logo a costumada exploração politica, não faltando—de esperar era isso!—o protesto no parlamento contra mais esse *gravissimo attentado* da chamada *formiga branca!*

Assim vamos andando, a pouco mais de tres annos da proclamação da Republica! Se agora volvessemos de repente ao 5 d'outubro, difficil seria encontrar um só d'esses valentões que em jornaes e no parlamento se revestem de estranho e mal disfarçado odio a tudo e a todos que procuram avigorar as instituições republicanas.

Inventou-se ahi, n'uma hora de torpes conciliabulos secretos, o apodo miseravel de *formiga branca*, e onde quer que surja um dedicado defensor da Republica, onde quer que haja uma affirmação da republicanismos bem comprehendido e resolutamente levado á pratica, logo os tartufos que ninguém sabe d'onde vieram, mas que todos nós vemos para onde querem ir com a sua grande dose de maubha e hyprocrisia,—logo os tartufos saltam á estacada cobrindo as cousas e as pessoas com a qualificação de *formiga branca*.

Ha vivas á Republica?

Já se sabe que é a formiga branca!

Vem um cortejo para a rua, a afirmar a devoção pelos obreiros prestimosos do regimen, ou a testemunhar um caloroso enthusiasmo e regosio pelos triumphos indubitavelmente republicanos?

Não ha que ver: anda á solta a negregada *formiga*

LETRAS

O TEU BERÇO

Bem como a ave que entrelaça o ninho,
Este meu coração puz-me a agêitá-lo
E a força de diavelos e carinho
Fiz um berço tão bom, que é um regalo...

Depois fui lá deitar-te com geitinho
E todo o dia e toda a noite o embalo,
E o berço bate, bate... de mansinho...
Que eu puz a vida toda em abanar-o.

Anda... sobega... dorme um lindo somno.
Que nunca a Dôr da Vida te desperte,
Que nunca o berço fique ao abandono:

Meu coração, fonte de Vida e Arte,
Se sente, canta só p'ra adormecer-te;
Se pulsa, abana só para embalar-te.

Jairne Cortesão.

branca—proclamam os Ju-
das! Se voltasse o 5 d'ou-
tubro!...

20—III—914.

A. Cavalleiro.

Cultivando o circulo...

Interessante, muito interes-
sante mesmo, aquelle artigo de
fundo que o ultimo numero do
nosso apreciado colega local,
Boas de Abrantes, publica, pa-
ra cultivar o circulo, pela pen-
na do seu director politico, o
deputado sr. Ribeiro de Carva-
lho. Ha nesse artigo passagens,
que valem punhados... d'ouro!
Destaquei algumas:

Com a queda do sr. Afonso Costa,
*tiranete odioso e infe-
rior, vingativo e mes-
quinho*, o pais respirou melhor.
Tanto desejava qualquer outra cou-
sa, *fosse o que fosse*, que
se resignou ás proprias papas de li-
nhaga do sr. Bernardino Machado,
*que para ali anda a equi-
librar isto com expedi-
entes de governo que na-
da valem, que nada são,
que de nenhum modo po-
dem satisfazer a opinião
honrada e sensata do
pais inteiro*.

Compreende-se, com effeito,
que o pais, em frente do ti-
ranete odioso, que
foi e é o sr. dr. Afonso Costa,
desejasse outra coisa, *fosse
o que fosse*—a restaura-
ção monarchica, por exemplo!
—resignando-se por fim *esse
pais* a suportar as papas de li-
nhaga do sr. Bernardino Ma-
chado, visto não ter conseguido
impôr o sr. Antonio José d'Al-
meida a governar o pais. Com-
preende-se isso muito bem:
do mal o menor!...

Logo mais abaixo, o sr. Ri-
beiro de Carvalho acode em
defeza d'uns monarchicos que
foram apedrejados e corridos a
tiro em Loures. d'outros mo-
narchicos que foram escorraça-
dos e agredidos ferozmente em
Lisboa—os taes do Gymnasio!
—e anota a dissolução a tiro e
à bengalada, em Coimbra, d'um
comicio de catholicos. Quer di-
zer, o sr. Ribeiro de Carvalho
só quebra lanças em favor da

reacção monarchico-clerical, e
para affirmar a pureza do seu
republicanismo, o para que da
sua auctoridade ninguem duvi-
de, não se esquece de vir di-
zer:

Nós já eramos republicanos e revo-
lucionarios quando os misas exaltados
partidarios do sr. Afonso Costa, os
seus mais azedos correligionarios de
hoje, só tratavam ainda do estoma-
go, uns agarrados aos succulentos ubers
da Monarquia, onde mamavam á
farta, e outros apenas sendo republi-
canos por dilettantismo ou por sim-
ples interesse.

Quando esse bando, desgraçado
e infeliz, que hoje pretende dispor
do pais pelo terror e pela ameaça,
ainda andava a soldo de varios par-
tidos, abarrotando o ventre e gover-
nando a vida, já nós sofríamos agra-
ras sem nome pela causa da Liberta-
de e da Republica.

Temos auctoridade, portanto, para
falar. Temos direito a protestar con-
tra o banditismo politico, miseravel e
desprezivel, que tenta levantar de
novo a cabeça n'esta desgraçado pais,
sem respeito por ninguem, sem des-
doro e sem dignidade alguma.

Ora aqui está uma revelação
... como tantas outras!

Não sabiamos que o sr. Ri-
beiro de Carvalho tivesse so-
frido agruras sem nome pela
causa da Republica. Republica-
nos de muito velha data, nun-
ca soubemos da existencia de
tal correligionario e comba-
tente, o seu nome sendo-nos
apenas conhecido das traduções
em que emparceirou com o sr.
Moraes Rosa, socio—se não er-
ramos—da associação monar-
chica D. Manoel II. Isso só.

O sr. Ribeiro de Carvalho,
que é deputado evolucionista,
facha assim... *para cultivar o cir-
culo*, como dizia o velho Rodri-
gues Sampaio—o seu famoso
artigo:

Pela nossa parte, não sabemos ser
republicanos, de outro modo...
Não sabemos nem queremos.

Pois olhe: se não sabe *nem
quer* ser republicano d'outro
modo, é melhor então, nos pa-
reço, *ir-se embora*, porque não
fará falta á Republica os repu-
blicanos da sua força.

Que o nosso collega O Mun-
do foi fundado para trombelear
a fama do sr. dr. Afonso Cos-
ta—volta a repetir-se isto para
ahi, em prosa evolucionista.
Toujours la même rengaine!

Mesquinhos em tudo...

Talvez o leitor—se por
acaso tambem o é da Repu-
blica—não notasse ainda
que o jornal do sr. Antonio
José d'Almeida, no comple-
tando das sessões parlamen-
tares, adoptou o mau uso
de publicar sempre em typo
mais pequeno os extractos
que se referem aos deputa-
dos e senadores da oposi-
ção, publicando em typo
mais cheio os que dizem
respeito aos seus correligio-
narios evolucionistas?

Pois é assim mesmo como
lhe dizemos, e se duvida, a
coisa é facil de verificar.

Para aproveitar espaço?

Qual historia—simples-
mente para os evolucionis-
tas darem a prova de que
são... mesquinhos em tudo!

Fallecimentos

Falleceu n'esta villa na proterita 5.^a
feira a sr. D. Maria das Dores de Mat-
tos Patrocinio.

O seu funeral foi bastante concor-
rido por pessoas de todas as classes so-
cias.

Tambem falleceu ante-hontem
em Rio de Moinhos, após longo padeci-
mento, o sr. José Maria Damas,
proprietario e ex-administrador da Ca-
sa Abrançãlia.

Era um primoroso cavalleiro, ami-
to estimado pelas suas bellas qualida-
des de verdadeiro homem do bem,
sendo, por isso, muito sentida a sua
falta.

A's familias enlutadas endereça O
Abrantes o seu cartão de profundo
pezar.

Boletim Camarario

Sessão do dia 16

Presentes: os cidadãos Jus-
to Dias Rosa da Paixão, presi-
dente, e os vogaes Manoel d'Oli-
veira Neto, Manoel Lopes Va-
lente Junior, João Pereira, Pos-
sidonio Covão e Antonio Ro-
drigues Ferreira Calado.

Aberta a sessão é lida e apro-
vada a acta da sessão anterior,
passando em seguida á leitura
do seguinte expediente:

Officio:—Da Direcção Geral
do Ministerio do Interior, acu-
sando a remessa de tres paco-
tes de livros.

A presidencia informou ter
já agradecido esta oferta.

—Da professora Dalmira Ser-
rano e Sousa, de Rio de Moi-
nhos, dando parte de ter a pro-
fessora Gloria Maria Consola-
do começado a prestar servi-
ço. Inteirada, devendo contudo
officiar as duas professoras ser
do 1.^o logar a professora Glo-
ria Consolado.

—Do Zelador das Mouriscas
participando ter autuado José
Pires, do logar do Pinheiro,
por ter transgredido o artigo
18 do Código de Posturas. In-
teirada.

—Do 2.^o Commandante da
Guarda Nacional Republicana,
remetendo um exemplar da or-
dem dada acerca de transgre-
sões das Posturas Municipaes.
Inteirada.

—Do dr. Ramiro Guedes, na
qualidade de Medico Municipal,
dando parte de ir para Lisboa
occupar o seu logar de Sena-
dor. Inteirada para o effeito do
processamento de folha de ven-

cimentos.

—Da Junta de Parochia do
Pego, pedindo a camara se sir-
va mandar ali um guarda pa-
ra manter em respeito uns in-
dividuos que não obedecem ás
intimações da junta, pedindo
tambem a remessa d'um Código
de Posturas. Inteirada, satisfa-
zendo o pedido.

—Da Camara de Castello
Branco, perguntando qual o sa-
lario pago ao pessoal operario
que exerce o serviço de canto-
neiro e limpeza. Para expen-
diente.

—Do Inspector da 1.^a Cir-
cumscripção Escolar, enviando o
processo de concurso para o
provimento de professor para a
escola do sexo masculino de
Mouriscas, classificando em 1.^o
logar o candidato Mathias Lo-
pes Raposo. A camara, por uni-
midade de votos nomeou este
mesmo candidato professor
para a dita freguezia de Mou-
riscas.

—Da Direcção Geral do Mi-
nisterio das Finanças, pergun-
tando qual a verba votada para
as despesas com a estatistica
agricola. Para responder.

—Do professor official da es-
cola de Alferrarede, pedindo á
camara para que seja permiti-
do ao sr. thesoureiro avisar o
professorado para vir receber
o seu ordenado. Inteirado.

—Do professor do Rocio do
Tejo, chamando a attenção da
camara para o estado em que
se encontra o edificio escolar.
Resolveu mandar fazer o orça-
mento.

—Da Sr.^a D. Custodia Pi-
menta de Almeida Beja, por si
e por todos os seus filhos, agra-
decendo as homenagens presta-
das ao falecido Manoel de Al-
meida Beja. Inteirada.

Requerimentos:—De João An-
tonio Passarinho, do Carvalho,
freguesia do Souto, pedindo li-
cença para armar um andaime
para a construção d'uma sua
casa para o que tambem pede
o respectivo alinhamento. Encar-
regado o vogal Valente.

—De Augusto de Oliveira
Mendes, pedindo para serem
onivotos os srs.: José de Mat-
tos Godinho de Campos, do Ro-
cio do Tejo; José Alexandre
Sellada, do Tramagal; Manoel
Lopes Aperta, morador na Quinta
da Feia, Rocio do Tejo, e
Emidio Aperta, morador nas
Barreiras do Tejo, para decla-
rarem o conhecimento que te-
nham d'uma estrada que vindo
de S. Miguel e passando em
Chão de Lucas vinha commu-
icar, pelo Valle da Videira, com
a da Borda d'Agua em direcção
ao Tramagal ou ao Rocio, isto
antigamente, e ultimamente com
a estrada nova, e se a consi-
deram publica ou particular.
Deferido.

Deliberações:—Officiar ao In-
specto da 1.^a Circumscripção
Escolar e professora de Rio de
Moinhos.
—Pela presidencia foi dito
ter officiado já duas vezes ao
Ex.^{mo} Sr. Governador Civil acer-
ca do modo de regularisar a
situação do empregado Pimenta.
Como se não tenha obtido res-
posta, o vogal Valente propõe
que se ponha o logar a concu-
so. Ficou deliberado abrir-se
desde já o concurso por espaço
de 30 dias e que fosse annu-
ciado no «Diario do Governo»
e jornaes da terra.

—Considerou urgente por
motivo de saude publica, a lim-

peza das valas juntas á estrada
e aqueducto da Estação de
Abrantes e que sejam avisados
os proprietarios Angelo Dias
de Oliveira, Thereza Abegoa e
Joaquim Marques, para no pra-
zo de 6 dias, a contar da da-
ta do aviso, procederem á referida
limpeza.

—Auctorison varios paga-
mentos.

E não havendo mais nada a
tratar foi encerrada a sessão.

Convite

Convida-se o partido demo-
cratico a reunir hoje, domingo,
pelas 19 horas, na sede do mes-
mo partido, Rua da Conceição,
antiga vivenda do secretario de
finanças, para se tratar de as-
sumptos de alta importancia
para a vida politica do partido.
Pede-se mais que se façam re-
presentar as commissões politi-
cas do mesmo partido.

A Comissão Municipal.

Regimento d'Artilharia 8

ANNUNCIO

2.^a Praça

O conselho administrati-
vo d'este regimento faz pu-
blico que no dia 7 do pró-
ximo mez de Abril pelas 12
horas se procederá em has-
ta publica á arrematação do
fornecimento de rações de
verde para os solipedes d'este
corpo e adidos, durante o
periodo de vinte e cinco a
trinta dias.

As propostas feitas con-
forme o modelo junto ao ca-
derno de encargos e em pa-
pel selado, acompanhadas
da caução provisoria de vin-
te escudos, serão entregues
em carta fechada e lacrada,
até á hora annunciada para
a arrematação.

O caderno de encargos
acha-se patente na secreta-
ria d'este conselho onde
pode ser consultado todos
os dias, das 12 ás 16 horas.

Quartel em Abrantes, 22
de março de 1914.

O Secretario do Conselho

Abel A. de Souza Penalta

Tenente da Administração Militar

CONCURSO

A camara Municipal de
Abrantes, em virtude da de-
liberação tomada em sessão
de 16 do corrente, faz pu-
blico que se acha aberto
concurso pelo espaço de 30
dias contados da segunda
publicação d'este no «Diario
do Governo» para provimen-
to do logar de amanuense
da secretaria da mesma Ca-
mara, com o vencimento
annual de 120\$.

Abrantes, 17 de Março
de 1914.

O Presidente

Justo Dias Rosa da Paixão

MATA-DÔRES

(Com marca registada no Ministerio do Fomento)
INVENÇÃO E PREPARAÇÃO

J. HENRIQUES DA SILVA

Pharmacutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Cura todas as dores reumaticas, gottosas e nevralgicas. Resultados maravilhosos, já comprovados em centenas de casos.

Remette-se, pelo correio, sem mandar dinheiro adiantado, a quem fizer o pedido num postal, pagando, no acto de receber o frasco, 70 centavos (700 réis).

Tambem se remette por 630 réis, a quem enviar esta importancia em vale de correio ou ordem postal.

Pedidos ao inventor e preparador:

J. Henriques da Silva

Pharmacutico de 1.ª classe

TORRES VEDRAS

O que diz o Sr. Manoel Constantino Ferreira, de Montargil—Ponte de São: «O resultado obtido com o seu MATA-DÔRES tem sido MARAVILHOSO, tanto na minha doença como nos varios amigos a quem o dispensei e para os quaes tenho mandado vir a pedido d'elles. Assim, pago me envia mais 1 frasco de MATA-DÔRES e entro do Livro Analitico.»

Temos em nosso poder muitas outras cartas de doentes curados e reconhecidos.

Carlos Correia da Silva

SOLICITADOR

ABRANTES

Companhia de Seguros

BONANÇA

FUNDADA EM 1808

Capital 1:568 contos

Seguros terrestres e maritimos. Seguros de searas e arvoredos.

Egídio Salgueiro

Rua de S. João—ABRANTES

COMPANHIA TAGUS

Seguros contra o risco de fogo, sobre predios, estabelecimentos, mobilias, riscos maritimos, e agricolas, em condições vantajosas para os interessados.

Correspondente em Abrantes. — José Pedro Marques—Praça Raimundo Soares.

A Lusitana

Companhia de Seguros

LISBOA

R. do Almada—109

Endereço telegraphico—LUZA Lisboa

Effectua seguros de vida, maritimos, agricolas, postaes, crystaes, mobilias, estabelecimentos e predios.

Cede o bonus do 7.º anno.

Correspondentes: em Abrantes, João Lopes Morgado; Pego, João Augusto Jacintho; S. Miguel do Rio Torto, Manoel Fernandes Pequeno; Mouriscas, Francisco da Costa Duarte.

Agentes em todas as terras do paiz.

TYPOGRAPHIA MORGADO

Praça Raimundo Soares e Rua Solano de Abreu

ABRANTES

Papel e envelopes timbrados, facturas, recibos, circulares, participações, memorandums, bilhetes postaes, programmas e todos os impressos para o commercio, repartições publicas e particulares

BILHETES DE LOJA a 800 RÉIS O MILHEIRO

Nas quantidades não inferiores a 4000

Grande variedade em Bilhetes de Visita



Bilhetes de luto em todos os formatos e tarjas

Recibos para rendas de casas e foros

Grande variedade em papeis:—Almaços, lisos e pantados, marca da lei e de officios. Papel de carta desde 100 réis o maço—Cada caderno 5 réis!

Caixas de Papel a 160 Réis

Sempre novidades em papeis estrangeiros com envelopes forrados, em caixas desde 200 réis!

Única casa que maior sortido tem e que mais barato vende este artigo.

Papel e envelopes de luto. Papel de embrulhos, sacros para amostras de cereaes etc.

PAPELÃO E CARTOLINA

Copiadores a 500 réis

Livros commerciaes, marca da lei e de algebeira, tintas de escrever nacionaes e estrangeiras, mata borrao, imprimaveis, lacres, aparos, lapis, borrachas e outros artigos de escriptorio.

CADERNOS ESCOLARES

Grande sortido em canetas, lapis de côr, molas para papeis, raspadeiras, tintas de copiar, tintas encarnadas, cola em frascos, obreias etc.

Preços limitados em todos os artigos

Universal

Companhia de Seguros

193—Rua Augusta 1.ª—LISBOA

CAPITAL 1.200.000\$000

Seguros sobre: Predios, estabelecimentos, mobilias, cortiça, searas, palheiros, automoveis etc.

Correspondente no concelho.

José Antonio Nunes Abreu

ROCIO D'ABRANTES

Companhia de Seguros

FIDELIDADE

Fundada em 1835 com sede em Lisboa

Capital 1:344:000\$000. Fundo de reserva 446:890\$340.

Esta Companhia, a mais antiga e a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo, sobre predios, mobilias, estabelecimentos, e riscos maritimos.

Correspondente em Abrantes, Arthur Jorge da Silva.

NORAS

Simples, duplas, mouriscas e de roda collectora

PREMIADAS

CON

Medalha d'ouro

NA

Exposição Nacional de Horticultura em 1903

CHARRUAS de todos os systemas

PRENSAS de fuso para vinho e azeite

MONTAGENS COMPLETAS PARA LAGARES systema Veraci

J. J. SOARES MENDES

FABRICA BOM SUCESSO—Rocio d'Abrantes

Enviam-se catalogos e orçamentos

O ABRANTES

ASSIGNATURAS

(Em Abrantes)

Anno: 290; Semestre: 145

(Nestas localidades)

Anno: 1420; Semestre 710

Os ann. assignantes tem o desconto de 20 por cento em todas as anns publicações

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, linha... 405

Secção propria... 402

Anuncios permanentes, contrato especial. Os autographos não se restituem

Ex.º 87.